

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : Agricultura

DATA : 29 01 91

PG. : 6-3 47

Os agrônomos e a ecologia

KLAUS REICHARDT

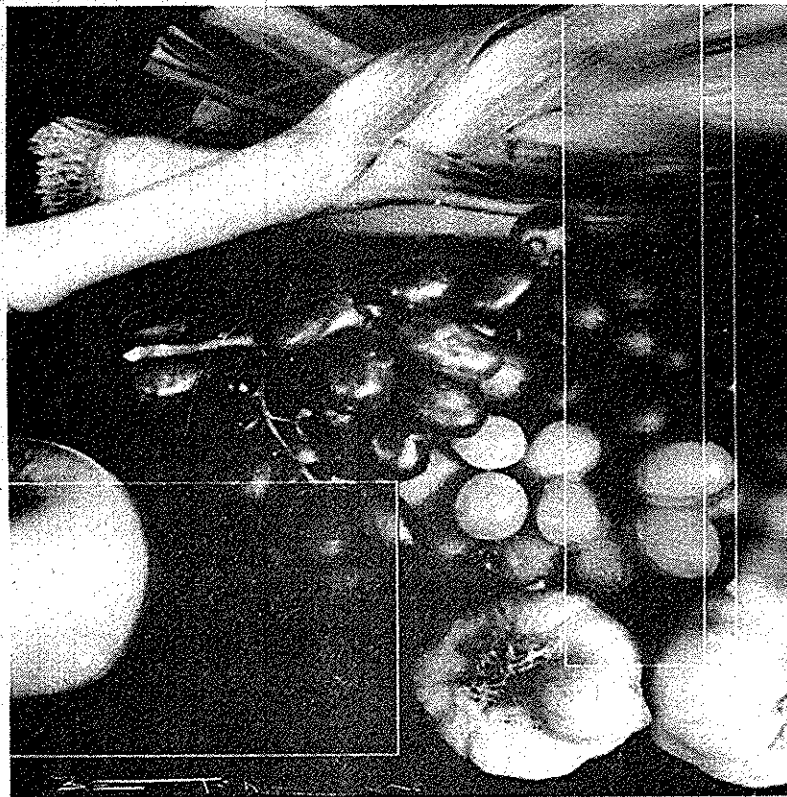
José Lutzenberger teria feito a seguinte declaração: "Se nos últimos 50 anos não tivesse um único agrônomo, uma única Emater ou Embrapa, teríamos, no mundo todo, belíssimas culturas camponesas altamente eficientes, ecologicamente sãs e socialmente justas", motivo de uma série de notas de desagravo a ele enviadas por várias entidades relacionadas à agronomia.

É difícil ser "advogado do diabo", principalmente num caso como esse, onde quase todos agrônomos repudiam a declaração acima. Como agrônomo, obviamente, também não aceito essa declaração.

Gostaria, porém, de discutir o assunto sob um ângulo diferente, tentando tirar proveito da situação e procurando uma atitude positiva e mais abrangente. Por que enviar notas de desagravo? Atitudes dessa natureza não denotariam sentimentos de fraqueza, não denunciariam uma análise superficial do assunto? Não seria o caso de tomar a declaração como um alerta? Analisá-la em profundidade? Nas entrelinhas, Lutzenberger não estaria tentando, de forma chocante, apresentar uma mensagem mais profunda?

Todos sabemos dos riscos dos improvisos e mais ainda das muitas deturpações depois de publicados pela imprensa. Pela sua própria natureza, as atividades agronômicas, por mais bem conduzidas que sejam, são modificadoras do ambiente. Vejam o Estado de São Paulo hoje e como era há 50 anos. Perdemos a quase totalidade da mata atlântica e vários ecossistemas foram perturbados de forma abrupta.

Na região de Piracicaba, 80% da área agora é coberta por canaviais. Os curiós e pintassilgos sumiram. Os habitats de animais



e plantas foram completamente destruídos. Não porque a agricultura foi mal conduzida, mas porque ela toma o lugar dos ecossistemas naturais.

Não é, portanto, simplesmente uma questão de se achar que tal afirmação (a do secretário) revela um total desrespeito à dedicação e trabalho honesto de milhares de profissionais que contribuem para promover o desenvolvimento econômico do país e fornecer alimentos para a população brasileira.

Como professor, sei que um recurso eficiente na apresentação de um assunto é a ênfase exagerada. É preciso exagerar para motivar, para abrir os olhos, para fazer compreender. Se o assunto é conservação do ambiente, a ênfase exagerada — infelizmente colocada em termos inadmissíveis por Lutzenberger — sobre o im-

pacto das atividades agronômicas nos ecossistemas seria, nesse sentido, até justificável.

A lição que precisamos tirar daí é que grandes problemas de ordem ambiental realmente existem e crescem a cada dia de forma acelerada e há muito que fazer. A verdade é que atividades agrícolas estão contribuindo para a degradação de solos, de mananciais de água e de ecossistemas em geral. Não só devido a acidentes com doses erradas de inseticidas, pesticidas ou pelas atividades que geram poluição de água, solo ou ar.

Na agricultura moderna, para a manutenção de altos níveis de produtividade, são necessários insumos e práticas de manejo que trazem um forte impacto ao ambiente.

É nossa missão de agrônomos reavaliar nossos conceitos e pro-

cedimentos, não pensando só na produtividade imediata, mas também na conservação de nossos recursos naturais para as gerações futuras. É incrível que hoje a água de Piracicaba, apesar de considerada potável pelas autoridades, seja intragável.

Logicamente não é só culpa da agricultura, mas ela tem sua boa parte de responsabilidade. A causa principal é a explosão de população. Para alimentar tão alto contingente a agricultura tornou-se atividade agressiva.

A revista "Time" (novembro de 1990) trata do problema da água potável em termos mundiais, em artigo intitulado "The last, precious drops".

Ali se afirma que a falta de água provavelmente será o principal fator limitante para o crescimento populacional e a expansão econômica de nações, pois, aproximadamente 73% da água doce disponível vai para a agricultura. 98% da água da Terra é salgada, 1,986% é doce mas está retida nas calotas polares, restando 0,014% prontamente disponível para o homem.

E essa tão pequena quantidade tem se degradado de forma acelerada que dela precisamos cuidar com muita atenção e carinho, assim como do solo agricultável, outro patrimônio que se desgasta rapidamente pela agressão a que vem sendo submetido.

Assim, apesar das reservas que faço ante às declarações de José Lutzenberger, em vez de rebatê-las, preferi digeri-las. Nós agrônomos devemos nos unir, refletir sobre o assunto e juntos pensar com Camões: "... e cesse tudo quanto a musa antiga canta, que um valor mais alto se alevanta..."

KLAUS REICHARDT é professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP) e chefe do Departamento de Física e Meteorologia.